

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**AVALIAÇÃO CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA DE GIOVANNI  
ARRIGHI SOBRE A DECADÊNCIA HEGEMÔNICA DOS EUA**

CECÍLIA MENEZES BARBOSA DE CARVALHO  
Matrícula: 105.093.122

ORIENTADOR: Prof. Dr. Franklin Serrano

ABRIL 2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**AVALIAÇÃO CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA DE GIOVANNI  
ARRIGHI SOBRE A DECADÊNCIA HEGEMÔNICA DOS EUA**

---

CECÍLIA MENEZES BARBOSA DE CARVALHO  
Matrícula: 105.093.122

ORIENTADOR: Prof. Dr. Franklin Serrano

ABRIL 2011

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade do(a) autor(a)*

## **RESUMO**

O objetivo do presente trabalho é analisar de forma crítica a teoria sistêmica de Giovanni Arrighi sobre a decadência hegemônica dos Estados Unidos. Como forma de fundamentar o objetivo proposto, iremos primeiramente expor a teoria do autor definida como ciclos sistêmicos de acumulação. Essa teoria formulada por Arrighi é um meio de interpretar a trajetória histórica dos processos de acumulação de capital no regime capitalista. Inserido no contexto da abordagem teórica de Arrighi, o trabalho irá descrever as fases que abrangem o ciclo sistêmico sob liderança norte-americana. De acordo com esta teoria os EUA encontram-se atualmente na fase de crise terminal do ciclo, a qual caracteriza a proximidade do término de sua hegemonia no sistema internacional. Em seguida, serão formuladas críticas a respeito da teoria do autor corroborando, por meio de diversos fatores, a hipótese proposta de que os EUA não estão em fase de crise terminal de hegemonia.

## ÍNDICE

1. Introdução.....	6
2.1. Giovanni Arrighi e a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação.....	8
2.2 Os ciclos sistêmicos de Arrighi: expansão material e expansão financeira.....	11
3.1 Giovanni Arrighi e o ciclo sistêmico de liderança norte-americana.....	18
3.2 As etapas de expansão material e financeira do ciclo norte-americano.....	20
3.3 A <i>belle époque</i> da expansão financeira norte-americana.....	25
4.1 A suposta aproximação da crise terminal dos EUA e suas críticas.....	29
4.2 A decadência hegemônica dos Estados Unidos.....	30
4.3 A conservação dos EUA como potência hegemônica no sistema internacional.....	37
5. Conclusão.....	44
6. Referências bibliográficas.....	46

## 1. Introdução

Em reconhecimento aos recorrentes debates sobre o suposto declínio da hegemonia norte-americana, o presente trabalho tem como objetivo central analisar de forma crítica a abordagem teórica de Giovanni Arrighi a respeito da possível crise hegemônica vivenciada pelos Estados Unidos.

Arrighi utiliza-se de sua abordagem teórica dos ciclos sistêmicos de acumulação para fundamentar seu argumento de que os EUA estão em um processo de crise terminal de sua hegemonia. Os ciclos sistêmicos abrangem fases de ascensão e queda de hegemonias políticas e de seus respectivos regimes de acumulação, intercalados por períodos de transições sistêmicas. Cada ciclo sistêmico de acumulação constitui-se de uma fase inicial, definida como a fase de expansão material, seguida de uma fase final, determinada pela fase de expansão financeira. Ambas se alternam dentro de um mesmo ciclo e, em conjunto, descrevem a criação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes inseridos na economia capitalista mundial. Os ciclos sistêmicos de acumulação sobrepõem-se uns aos outros no início e no fim, pois as fases de expansão financeira são compostas por um período de “outono” de evoluções importantes do capitalismo mundial, e também de períodos em que um novo regime dominante surge e, com o tempo, reorganiza o sistema, tornando possível a formação de outro ciclo de acumulação, porém liderado por esse novo regime.

Para Arrighi, atualmente vivenciamos o ciclo de acumulação guiado pelo domínio norte-americano. O autor defende que a ocorrência de diversos fatores, entre eles a guerra do Iraque, o excessivo endividamento do país, a perda de credibilidade do dólar como moeda de troca internacional e a ascensão da China, acabou por deteriorar as esferas fundamentais que sustentam a hegemonia norte-americana o que resultou na precipitação de sua crise terminal.

Nesse sentido, o atual trabalho busca corroborar a hipótese de que a economia norte-americana não se aproxima de uma crise terminal de sua hegemonia. Não obstante, reconhecemos que o país vem enfrentando algumas dificuldades políticas e econômicas, no entanto, tais dificuldades não significam a decadência do poder americano no sistema internacional.

O desenvolvimento do trabalho é composto por três capítulos além de introdução e conclusão. No primeiro capítulo, será desenvolvida, com maior profundidade, a abordagem teórica de Giovanni Arrighi a respeito dos ciclos sistêmicos de acumulação. Neste capítulo serão descritas as etapas que compõe o ciclo, ou seja, as fases de expansão material e expansão financeira, contextualizando os processos de ascensão e queda dos poderes hegemônicos dentro de um ciclo. O segundo capítulo descreve o ciclo sistêmico de acumulação sob liderança norte-americana, expondo suas respectivas etapas. No terceiro capítulo, serão abordados, de acordo com a teoria dos ciclos sistêmicos de Arrighi, os fatores que, segundo o autor, são responsáveis pelo declínio da hegemonia norte-americana. E, em seguida, iremos apresentar as críticas que corroboram a hipótese de que os EUA não vivenciam um processo de crise terminal de sua hegemonia.

## 2.1 Giovanni Arrighi e a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação

A metodologia utilizada por Arrighi se fundamenta no âmbito sistêmico da economia-mundo capitalista. Segundo o autor, esse cenário é formado por uma estrutura hierárquica de Estados, que se posicionam em centrais, periféricos e semiperiféricos. Para Arrighi, todo processo de ascensão ou declínio de qualquer país inserido na economia capitalista deve ser analisado considerando a existência da estrutura hierárquica em que se encontram os Estados.

A teoria de Arrighi abrange uma interpretação das estruturas de longa duração do capitalismo histórico inseridos em uma abordagem sistêmica. Segundo o autor, o processo de formação e expansão do capitalismo histórico não se deu por uma trajetória linear com estruturas imutáveis e relações permanentes. Pelo contrário, há uma dinâmica com continuidades de estruturas de relações, e descontinuidades com inovações nas estruturas e com novas relações entre elas.<sup>1</sup> No decorrer da história do capitalismo, ocorreram mudanças sistêmicas, caracterizadas por processos de reorganização do moderno sistema-mundo, que alteraram substantivamente a natureza dos integrantes do sistema, sua maneira de se relacionar uns com os outros e o modo como o sistema funciona e se reproduz.<sup>2</sup>

No entanto, a flexibilidade ilimitada, com ampla capacidade de variação e de adaptação permaneceu como uma característica essencial do capitalismo ao longo de suas fases de mudanças contínua e descontínua. A dinâmica cíclica do capitalismo histórico, embora se apresente, a cada época, sob formas concretas aparentemente mais complexas ou sofisticadas, mantém os padrões de repetição e de evolução na sua expansão ao longo da história.<sup>3</sup>

É nesse contexto da estrutura do sistema internacional em conjunto com as formas de expansão do capitalismo, que Arrighi, utilizando-se de argumentos lançados por Fernand Braudel, desenvolve a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação que aborda as estruturas de longa duração do capitalismo histórico.

---

<sup>1</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 9.

<sup>2</sup> ARRIGHI, G; SILVER, B. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; UFRJ, 2001, p. 30.

<sup>3</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 04.



“[...] os ciclos sistêmicos de acumulação [...] apontam para uma continuidade fundamental nos processos mundiais de acumulação de capital nos tempos modernos. Mas também constituem rupturas fundamentais nas estratégias e estruturas que moldaram esses processos ao longo dos séculos” (ARRIGHI, 1996: p. 08).

O autor analisa os processos de alteração sistêmica, (com a reorganização do sistema-mundo), como transições hegemônicas que são definidas por momentos de mudança no agente principal dos processos mundiais de acumulação de capital. Seguindo a abordagem do sistema mundial e a perspectiva de longa duração, Arrighi constatou que em cada estágio do capitalismo histórico, um determinado Estado hegemônico e seus agentes capitalistas (governamentais e empresariais) estariam na liderança da economia.

Esse bloco exercia sua hegemonia através de inovações nas estruturas existentes e de novas estratégias de combinação de estruturas, mediante as quais promoviam, organizavam e regulavam a expansão da economia-mundo capitalista. Arrighi percebeu que cada um desses regimes apresentava um comportamento cíclico. O Estado hegemônico lidera o sistema interestatal, e seus agentes capitalistas lideram as principais cadeias de mercadorias, tornam-se os líderes dos processos sistêmicos de acumulação de capital e poder no sistema-mundo.<sup>4</sup>

Como forma de interpretar essa trajetória histórica, Arrighi propõe o conceito de ciclos sistêmicos de acumulação, que seriam ciclos de ascensão e queda de hegemonias políticas e de seus respectivos regimes de acumulação, intercalados por períodos de transições sistêmicas. São os ciclos de vida desses agentes, de suas estruturas e estratégias que constroem, transformam e caracterizam cada estágio do desenvolvimento capitalista. O principal objetivo dessa interpretação é descrever a formação, consolidação e desintegração desses regimes nos quais a economia capitalista mundial se expandiu desde o século XVI.<sup>5</sup>

O autor, se utilizando de uma incursão histórica, busca interpretar a configuração contemporânea do sistema internacional de poder. O estudo das estruturas e agentes que moldaram o curso da história moderna lhe permite identificar quatro “séculos longos”, ou seja, períodos de mais de cem anos parcialmente

---

<sup>4</sup>Ibid, p. 10.

<sup>5</sup> ARRIGHI, Giovanni. *O Longo século XX : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo*. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 10.

superpostos, que Arrighi, continuando Braudel, propõe como unidades temporais básicas para a análise dos processos mundiais de acumulação de capital. Arrighi busca as respostas de suas indagações por meio de uma investigação das tendências atuais a partir de padrões de repetições e evolução que abarcam todo o curso do capitalismo histórico como sistema mundial.

Dessa forma, o conceito de ciclo sistêmico de acumulação permitiu que Arrighi propusesse uma periodização do capitalismo histórico que se iniciaria com o ciclo genovês durante o século XVI, em segundo viria o holandês (aproximadamente de 1630 a 1780), em terceiro o ciclo britânico que perdurou durante o período de 1780 a 1930. Por fim, o quarto ciclo guiado pelo domínio norte-americano, (de 1870 até hoje) e que, segundo Arrighi, a partir da década de 70 o ciclo liderado pela hegemonia dos Estados Unidos entraria em sua fase de declínio.<sup>6</sup> É de acordo com esse contexto que o autor argumenta que o sistema internacional vivencia atualmente uma “crise terminal” devido ao suposto declínio da hegemonia norte-americana, defendida por ele.

Em cada um desses ciclos a nação hegemônica, centralizando redes de produção, comércio e poder, assegurou para si o comando da economia mundial. Em cada caso, fases de expansão material precederam fases de expansão financeira, ambas formando em conjunto o “ciclo sistêmico de acumulação” descrevendo a criação, consolidação e desintegração dos sucessivos regimes inseridos na economia capitalista mundial.

## **2.2 Os ciclos sistêmicos de Arrighi: expansão material e expansão financeira**

O conceito de ciclos sistêmicos de acumulação descreve a dinâmica de ascensão, plena expansão e eventual queda das hegemonias e dos regimes de acumulação de capital. Cada ciclo sistêmico de acumulação constitui-se de uma fase inicial, definida como a fase de expansão material, seguida de uma fase final, determinada pela fase de expansão financeira. Ambas se alternam dentro de um mesmo ciclo.

---

<sup>6</sup> Ibid. p. 219.

Na abordagem teórica de Arrighi, as fases de acumulação do capital podem de certa forma ser vistas como uma reafirmação da fórmula de Marx para o capital: DMD'. Nessa interpretação, o capital-dinheiro (D) significa liquidez, flexibilidade e liberdade de escolha. Enquanto o capital-mercadoria (M) é o capital investido numa dada combinação de insumo-produto, visando ao lucro; portanto, significa concretude, rigidez e um estreitamento das alternativas de investimento. Por fim, D' representa a ampliação da liquidez, da flexibilidade e da liberdade de escolha.<sup>7</sup>

Arrighi, por meio da abordagem dos ciclos sistêmicos de acumulação, utiliza a fórmula geral do capital apresentada por Marx (DMD') para analisar um padrão reiterado do capitalismo histórico como sistema mundial. O aspecto central desse padrão é a alternância de épocas de expansão material (fases DM de acumulação de capital) com fases de renascimento e expansão financeira (fase MD').

“Nas fases de expansão material, o capital monetário “coloca em movimento” uma massa crescente de produtos (que inclui a força de trabalho e dívidas da natureza, tudo transformado em mercadorias); nas fases de expansão financeira, uma massa crescente de capital monetário “liberta-se” de sua mercadoria e a acumulação prossegue através de acordos financeiros (como na fórmula abreviada de Marx, DD'). Juntas, essas duas épocas, ou fases, constituem um completo ciclo sistêmico de acumulação (DMD')” (ARRIGHI, 1996: p. 06).

Todos os quatro ciclos sistêmicos analisados por Arrighi seguiram essa mesma dinâmica. Nas fases de expansão material, os agentes capitalistas usam seu capital monetário para mover uma crescente massa de produtos com o intuito de, através da posterior comercialização dos produtos finais (com a realização da mais-valia), ampliar ainda mais a liquidez de que dispunham no início, quando converteram seu capital monetário em mercadorias. Durante essa etapa, a introdução de inovações no processo de acumulação e no sistema interestatal e interempresarial pelos novos agentes hegemônicos faz com que as atividades produtivas e comerciais proporcionem, em relação às demais atividades econômicas, maior lucratividade enquanto meios para a valorização do capital. Nessa fase do ciclo, o investimento na produção e comercialização das mercadorias é o meio capaz de garantir aos capitalistas a reprodução de seu capital a taxas de lucro extraordinárias. Sendo que a acumulação de capital dá-se predominantemente sob a forma produtiva.

---

<sup>7</sup> Ibid, p 05

Assim, na fase de expansão material, as atividades de produção e comercialização são tidas como os meios cruciais da auto-expansão do capital nas mãos dos agentes capitalistas hegemônicos. No entanto, em um determinado momento, quando as atividades de comércio e produção deixam de auferir lucros, o capital desloca-se rapidamente, passando a especializar-se na especulação e na intermediação financeira.

Essa passagem pode ser interpretada como um reflexo da contradição entre a auto-expansão do capital e a expansão material da economia mundial. Segundo Arrighi, tal processo corresponde ao “desenvolvimento das forças produtivas da sociedade [mundial]” de Marx.

“Em todos os casos, a expansão material da economia mundial consistiu apenas um meio para a sustentação de esforços que visavam primordialmente aumentar o valor do capital, e, no entanto, no correr do tempo – eis a contradição –, essa expansão do comércio e da produção tenderam a reduzir a taxa de lucro e, com isso, a diminuir o valor do capital” (ARRIGHI, 1996: p. 227).

Arrighi, dialogando com abordagens teóricas de Smith e Marx, observa que esse cenário de esgotamento da expansão do capital por vias produtivas e comerciais, pode caracterizar uma interpretação da lei da tendência de queda da taxa de lucro dentro da abordagem dos ciclos sistêmicos de acumulação. Essa tendência ocorre devido ao fato de que, tanto a expansão do comércio quanto a expansão produtiva são inseparáveis do acirramento contínuo da concorrência entre os agentes capitalistas. Ao estabelecer de forma pioneira tais atividades, o capitalista obtém momentaneamente lucros extraordinários. Mas quando a atividade se estabelece de forma plena e se torna conhecida, a competição pelos agentes acaba sendo ampliada de forma contínua, o que resulta na elevação dos salários e rendas reais, empurrando a taxa de lucro para baixo. Ou seja, a vitalidade da força hegemônica é minada por sua própria expansão.

Essa lógica da fase de expansão material se explica, pois, “à medida que aumentou a massa de capital que buscava reinvestimento no comércio, sob impacto dos lucros ascendentes ou elevados, uma parcela crescente do espaço econômico necessários para mantê-lo em ascensão ou elevados foi sendo consumida”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Ibid, p. 232.

Os centros hegemônicos, ao buscarem solucionar esse declínio dos rendimentos através da diversificação e expansão de seus negócios, acabam por extinguir as barreiras construídas pela distância geográfica e funcional que os vinha mantendo mais protegidos de seus concorrentes. O resultado desse processo é o acirramento da concorrência que reduz os lucros ainda mais levando ao desgaste das estruturas organizacionais em que se baseava a expansão material do poder hegemônico em questão.

Assim, de acordo com essa interpretação, as expansões materiais da economia mundial podem ser descritas por meio de trajetórias compostas por fases de rendimentos crescentes e expansão acelerada, seguidas de fases de rendimentos decrescentes e expansão mais lenta, alcançando por fim, a estagnação da expansão do capital por vias comerciais e produtivas.<sup>9</sup> Vale destacar que a dinâmica desse processo não é provocada por uma escassez de capital em busca de investimento em mercadorias, ao contrário, ela é fruto do resultado de um excesso, uma superabundância, desse capital no âmbito do comércio e da produção. Como nas “crises de superacumulação” de Marx, o que provoca as fases de rendimento decrescente na etapa de expansão material é a existência de um excedente ou excesso de capital investido na compra e venda de mercadorias, que ultrapassa o nível de investimento que impediria a queda da taxa de lucro. Deste modo, chega um determinado momento em que se esgotam as oportunidades de investimento do capital no campo material e, enquanto parte desse excedente não for expandida para outros domínios, a taxa de lucro tende a cair.

No momento em que a acumulação via expansão material esgota-se não auferindo mais os mesmos lucros iniciais, os agentes capitalistas percebem que, suas expectativas quanto ao investimento do capital como um meio de assegurar uma flexibilidade e liberdade de escolhas ainda maiores no futuro, foram frustradas. Nesse cenário, o capital tende a retornar as formas mais flexíveis de investimento – sobretudo, sua forma monetária. Em outras palavras, os agentes capitalistas passam a preferir a liquidez, e grande parte de seus recursos tende a permanecer sob forma líquida, aumentando a disponibilidade de capital circulante em nível mundial.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> Ibid, p. 232.

<sup>10</sup> Ibid, p. 5.

É nesse contexto que se inicia a fase de expansão financeira, com o deslocamento de capital da forma produtiva para a forma financeira. Tal etapa é vista como reflexo de uma situação em que o investimento na expansão do comércio e da produção não mais atende, com tanta eficiência quanto às negociações puramente financeiras, ao objetivo de ampliar o fluxo monetário que vai para a camada capitalista. Nessa situação, o capital investido no comércio e na produção tende a retornar a sua forma monetária e a se acumular mais diretamente, como na fórmula marxista abreviada (DD').<sup>11</sup> Quando o agente principal dos processos sistêmicos de acumulação começa a perceber que o comércio de moedas, a intermediação, a especulação financeira e as operações de crédito, especialmente com os Estados que disputam o capital circulante, podem proporcionar maior capacidade de multiplicação ao seu estoque de capital, ele passa a desviar, de forma crescente, seus excedentes para os mercados financeiros. Assim, o agente hegemônico revela uma avaliação positiva da possibilidade de prolongar sua dominação através de uma especialização maior nas altas finanças.

Arrighi formaliza essa mudança da trajetória do capital de acordo com a equação  $R_x = \Delta D / \Delta t$  que descreve a velocidade com que o estoque de capital aumenta no tempo, ou seja, representa a taxa de retorno do estoque de capital investido no comércio e produção.

“Quando os rendimentos do capital investido no comércio de mercadorias, apesar de ainda positivos, caem abaixo do índice crítico ( $R_x$ ), que é o que o capital pode ganhar nos comércios monetários, um número crescente de organizações capitalistas abstêm-se de reinvestir os lucros na expansão adicional do comércio de mercadorias. Todos os excedentes de caixa que eles acumulam são desviados do mercado de produtos para os mercados financeiros” (ARRIGHI, 1996, p. 236).

Arrighi denomina esse momento como a crise sinalizadora do ciclo sistêmico de acumulação, etapa na qual o capital deixa progressivamente a rigidez, a concretude e a perda de flexibilidade, em direção à liquidez, à liberdade de escolha e à flexibilidade. Essa passagem da expansão material para a financeira é a expressão de uma “crise”, no sentido de que marca um “ponto decisivo” no ciclo de acumulação do agente hegemônico. É o sinal de uma crise sistêmica mais profunda, que, no entanto, a passagem para as altas finanças previne temporariamente. Nesse sentido, as expansões

---

<sup>11</sup> Ibid, p 08.

financeiras têm um impacto contraditório nessa tendência podendo ser percebidas como um “sinal de outono” dos grandes avanços capitalistas e das estruturas hegemônicas. Elas podem ser reveladas como um momento em que o líder de uma expansão material que se aproxima do fim colhe os frutos de sua liderança, através de um acesso privilegiado à liquidez abundante que se acumula nos mercados financeiros mundiais. Esse acesso privilegiado permite que a nação hegemônica em declínio contenha por certo tempo, as forças que desafiam a continuidade de sua dominação. No entanto, isso não representa uma solução duradoura para a crise sistêmica. Ao contrário, isso é apenas um preâmbulo de um aprofundamento dessa crise e da eventual superação do regime de acumulação ainda dominante por um novo regime.<sup>12</sup>

Assim, a concentração do capital através da expansão financeira é capaz de prolongar de forma efêmera o domínio do poder hegemônico em um determinado ciclo de acumulação. Mas, ao mesmo tempo, ela é a principal responsável por minar o domínio do hegemom ao aprofundar a crise no sistema, fazendo brotar estruturas regionais de acumulação que desestabilizam ainda mais o antigo regime e antecipam a emergência do novo.<sup>13</sup> Dessa forma, a concentração do capital através da expansão financeira corresponde ao principal fator que esgota um ciclo específico de acumulação abrindo caminho para o início de um novo ciclo.<sup>14</sup> Isso ocorre, pois as expansões financeiras fortalecem essas forças rivais, ampliando e aprofundando o alcance da competição interestatal e interempresarial, e transferindo o capital para as estruturas emergentes que prometam maior segurança ou lucros mais elevados ao comparados à estrutura dominante. Essas novas estruturas acabam por minar a já precária estabilidade das estruturas existentes, com isso provocando um colapso da organização sistêmica.

Deste modo, as fases de expansões financeiras, além de serem consideradas o outono de evoluções importantes no capitalismo mundial, são também períodos em que surge um novo complexo governamental e empresarial com a capacidade de reorganizar o sistema, tornando possível a ocorrência de uma nova expansão guiada por uma nova liderança. Essa dinâmica explica a sobreposição, no início e no fim, dos

---

<sup>12</sup> ARRIGHI, G; SILVER, B. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; UFRJ, 2001, p. 42.

<sup>13</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p 244.

<sup>14</sup> Ibid, p. 243.

sucessivos ciclos sistêmicos de acumulação.<sup>15</sup> As crises sinalizadoras que anunciam os limites de expansão estável pela antiga via de desenvolvimento assinalam, simultaneamente, a emergência de uma nova via como o resultado da crescente turbulência experimentada pela economia mundial nas fases de expansão financeira.<sup>16</sup>

Segundo Arrighi o surgimento dessa nova via corresponde a tese de Marx de que “ocorre uma reciclagem do capital monetário, passando de estruturas organizacionais que atingiram os limites de sua expansão material para outras estruturas organizacionais que apenas começam a materializar seu potencial de crescimento”.<sup>17</sup>

Assim, a fase de expansão financeira, consiste em uma etapa que abrange mudanças descontínuas, durante as quais o crescimento pelo regime estabelecido já atingiu ou está atingindo seu limite possibilitando que a economia capitalista mundial se desloque, através de reestruturações e reorganizações radicais, para outra via de acumulação de capital, dando início a um novo ciclo sistêmico de acumulação.

De acordo com esta abordagem teórica, o declínio de qualquer nação hegemônica decorre, basicamente, do fato de que o aumento do volume e da densidade do sistema ultrapassa a capacidade organizacional do complexo hegemônico específico que criou as condições da expansão sistêmica. Quando há uma escalada da competição interestatal e interempresarial que ultrapassa a capacidade reguladora das estruturas existentes, surgem novas estruturas que desestabilizam ainda mais a configuração dominante de poder resultando em um “caos sistêmico”, que por fim configuram o estabelecimento de uma nova hegemonia.<sup>18</sup> Este modelo descreve, portanto, um padrão de repetição: a hegemonia levando à expansão, a expansão ao caos e o caos a uma nova hegemonia.

Giovanni Arrighi intitula o evento ou série de eventos que levam a essa superação final de “crise terminal” do regime de acumulação dominante e considera que ela assinala o fim do século longo que abrangeu a ascensão, plena expansão e

---

<sup>15</sup> ARRIGHI, G; SILVER, B. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; UFRJ, 2001, p. 42.

<sup>16</sup> ARRIGHI, Giovanni. Op. cit.; p. 242.

<sup>17</sup> Ibid, p. 242.

<sup>18</sup> ARRIGHI, G; SILVER, B. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; UFRJ, 2001, p. 42.



queda desse regime abrindo caminho para a reorganização do sistema-mundo sob uma nova via hegemônica de acumulação sistêmica.

Como veremos no próximo capítulo, de acordo com a abordagem teórica dos ciclos sistêmicos de acumulação, o atual ciclo sistêmico é liderado pelas forças hegemônicas norte-americanas. No entanto, iremos observar que, segundo o autor, estamos em meio a uma mudança sistêmica na qual os Estados Unidos atravessam a fase de expansão financeira do capital, já vivenciaram o sinal de outono em sua hegemonia, descrito pela belle époque do ciclo e, agora, estão enfrentando fatores que caracterizam a chegada de sua crise terminal.

### **3.1 Giovanni Arrighi e o ciclo sistêmico de liderança norte-americana**

Apresentada a abordagem teórica de Arrighi, o atual capítulo irá expor, de forma breve, as etapas do ciclo sistêmico de acumulação liderado pelos Estados Unidos (EUA).

Arrighi define o quarto ciclo sistêmico de acumulação, cuja liderança é exercida pelos EUA, como o longo século XX. Segundo o autor, esse ciclo é composto por três fases: (1) a expansão financeira do fim do século XIX, no decorrer das quais as estruturas do “antigo” regime britânico foram destruídas e se criaram as do “novo” regime norte-americano; (2) a expansão material das décadas de 1950 e 1960, durante a qual o predomínio do “novo” regime, centrado nos Estados Unidos traduziu-se numa expansão mundial do comércio e da produção; e (3) a atual expansão financeira, em cujo decurso as estruturas do já “antigo” regime norte-americano vêm sendo destruídas, com a criação de um “novo” regime.

Como estudado no capítulo anterior, os ciclos sistêmicos são ciclos sobrepostos entre si. No momento em que o sistema internacional, liderado pelo poder hegemônico, atinge sua fase de expansão financeira, um outro regime surge como um possível líder do sistema. Essa dinâmica de sobreposições também ocorreu com a substituição da liderança do Reino Unido pelas forças norte-americanas. Foi no final do século XIX, por volta de 1870, que os EUA surgiram como possível agente competidor com potencial para, no futuro, ascender como potência hegemônica no sistema. O regime norte-americano ganhou vida como um integrante subalterno das estruturas de acumulação do regime britânico dominante, contribuindo depois para a desestabilização e a destruição dessas estruturas e acabando por emergir como o novo regime dominante.<sup>19</sup>

Mas somente no século XX, ao término das duas Grandes Guerras Mundiais que os EUA despontaram como poder hegemônico no Sistema Internacional. De devedores, passaram a ocupar no pós-guerra a posição de credores dos países europeus envolvidos no conflito. Essa posição foi favorecida devido ao fato de os EUA terem

---

<sup>19</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 290.

sido os grandes fornecedores de equipamentos bélicos durante ambas as guerras, além de arcarem com empréstimos financeiros e, sobretudo, não terem sido atingidos diretamente durante o conflito, que se desenvolveu majoritariamente além dos territórios americanos. Os EUA saíram da guerra como país credor e principal fornecedor de auxílios, empréstimos e investimentos para a reconstrução no pós-guerra dos países capitalistas aliados.

A atuação dos EUA como oficina do esforço de guerra dos aliados e como principal agente na reconstrução europeia do pós-guerra refletiu positivamente no saldo da balança comercial do país. O impacto das Guerras Mundiais na balança comercial norte-americana gerou superávits grandiosos. Além disso, pela primeira vez na história norte-americana, os direitos dos EUA sob rendas geradas no exterior superaram os direitos estrangeiros a receitas produzidas nos EUA.<sup>20</sup>

Em consequência desse novo e maior movimento ascendente de seus saldos comerciais e de conta corrente, os EUA passaram praticamente a desfrutar de um monopólio da liquidez mundial. Em 1947, suas reservas de ouro equivaliam a 70% do total mundial. E a exacerbação da demanda de dólares, por parte dos governos e empresas estrangeiros, significou que o controle norte-americano da liquidez mundial tornou-se muito maior do que estava implícito nessa extraordinária concentração de ouro monetário.

“A concentração e a centralização tanto da capacidade produtiva quanto da demanda efetiva foram igualmente impressionantes. Em 1938, a renda nacional norte-americana já era aproximadamente idêntica à soma das rendas nacionais da Grã-Bretanha, França, Alemanha, Itália e países do Benelux, e quase três vezes superior à da União Soviética. Mas, em 1948, equivalia a mais do dobro da renda do grupo supracitado de países da Europa Ocidental e a mais de seis vezes a da União Soviética” (ARRIGHI, 1996: p. 284).

Além disso, destaca-se que, ao término da Segunda Guerra Mundial e com o início da Guerra Fria em 1947, foi constituída uma nova ordem mundial, centrada nos EUA e organizada por esse país. Os principais fundamentos dessa nova ordem foram compostos por fatores econômicos, militares e políticos: como o novo sistema monetário mundial de Bretton Woods, novos meios de violência utilizados em Hiroshima e Nagasaki demonstraram quais seriam os alicerces militares da nova

---

<sup>20</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 284.

ordem, e em San Francisco, novas normas e regras para a legitimação da gestão do Estado e da guerra tinham sido explicitadas na carta das Nações Unidas.<sup>21</sup> Somava-se a isso o fato de que o dólar americano transformou-se em moeda de reserva plenamente madura, tal como a libra esterlina na época da liderança britânica.<sup>22</sup>

Nesse sentido, a derrocada final da economia mundial centrada no Reino Unido foi extremamente benéfica para os EUA. Todos esses fatores expostos anteriormente, refletiram a concentração de poder mundial sem precedentes que ocorreu como resultado da Segunda Guerra. Foi a partir desses fundamentos que os EUA despontaram como a grande potência hegemônica do sistema internacional consolidando o poder militar e econômico do país e ainda à centralização nos EUA da liquidez, do poder aquisitivo e capacidade produtiva da economia mundial.<sup>23</sup>

### **3.2 As etapas de expansão material e financeira do ciclo norte-americano**

Como visto anteriormente, com o fim da Segunda Guerra Mundial uma nova ordem internacional foi estabelecida, iniciando o período de polarização da Guerra Fria que durou de 1947 até 1989. O Sistema Internacional passou a ser guiado pela bipolarização de forças que se dividiam entre a ideologia capitalista liderada pelos EUA, e as forças socialistas guiadas pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Do final da Segunda Guerra até a década de 70, os EUA ampliaram seu poder político através da competição militar com a URSS, e expandiram sua riqueza através de relações econômicas complementares e dinâmicas com outros competidores. Segundo Arrighi, os EUA se utilizaram da difusão do medo de uma ameaça comunista global para expandirem seus domínios além de seus territórios, buscando conter o avanço do poderio de seus respectivos adversários e manter áreas de influência, sobretudo na Europa Ocidental e no Japão.

---

<sup>21</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 283.

<sup>22</sup> Ibid, p. 279.

<sup>23</sup> Ibid, p. 304.

O autor argumenta que, os auxílios fornecidos por meio do Plano Marshall para a reconstrução Européia combinados com o aumento de gastos militares norte-americanos, foram os fatores que tiveram contribuição decisiva para a expansão do comércio e produção mundiais durante as décadas de 1950 e 1960.<sup>24</sup> O chamado keynesianismo militar do governo norte-americano, em pleno funcionamento no país e no exterior, criou a demanda efetiva necessária para dar início e manter em andamento a expansão material da economia mundial capitalista do pós-guerra.

A ajuda militar a governos estrangeiros e os gastos militares diretos dos EUA no exterior forneceram à economia mundial toda a liquidez necessária para sua expansão. E, com o governo norte-americano agindo como um banco central mundial, o comércio e a produção mundiais se expandiram numa velocidade sem precedentes. O período que abrange as décadas de 1950 e 1960 é caracterizado por uma prosperidade extraordinária da economia mundial.

“Entre 1950 e 1975, a renda per capita nos países em desenvolvimento teve um aumento médio de 3% ao ano, acelerando-se de 2% na década 1950 para 3,4% na seguinte. Essa taxa de crescimento, (...), ultrapassou a que fora alcançada pelos países desenvolvidos, (...) o PIB e o PIB per capita cresceram quase duas vezes mais depressa do que em qualquer período anterior, desde 1820. A produtividade do trabalho aumentou duas vezes mais depressa do que em qualquer época e houve uma aceleração extraordinária na taxa de crescimento do estoque de capital. O aumento desse estoque representou uma explosão de investimentos, de duração e vigor sem precedentes históricos” (ARRIGHI, 1996: p. 307).

De acordo com a abordagem teórica de Arrighi, o desempenho extraordinário da economia mundial durante a década 1950 e 1960 representa a fase de expansão material (MD) do ciclo de acumulação liderado pelo regime norte-americano. Como nos outros ciclos, este foi um período o qual o capital excedente foi reinvestido no comércio e na produção de mercadorias. Mas também, como nos ciclos anteriores, a expansão material resultou em profundas pressões competitivas e por consequência numa retirada maciça do capital monetário do comércio e da produção invertendo-se na financeirização do capital e caracterizando assim, a crise sinalizadora do regime de acumulação.

Durante o período caracterizado pela expansão material da economia mundial, os investimentos externos diretos norte-americanos mais que duplicaram, em paralelo

---

<sup>24</sup> Ibid, p. 306.

com o crescimento dos investimentos europeus. Esse crescimento foi atrelado à abertura das novas fronteiras à expansão transnacional do capital norte-americano por meio da reconstrução européia e auxílio à economia japonesa.

No entanto, o crescimento exponencial dos investimentos na produção e no comércio intensificou as pressões competitivas sobre os principais agentes da expansão. Com o tempo, a relação de complementaridade que sustentou a expansão global das redes de poder do governo norte-americano, passou a alimentar contradições que acabaram minando os benefícios da expansão material para os EUA.

<sup>25</sup> Em relação ao Japão tal relação acabou auxiliando o crescimento econômico do país e ampliando seu domínio na região asiática, e em relação à Europa Ocidental consolidou ainda mais a integração entre os países da região. <sup>26</sup> Firms européias expandiram-se internacionalmente e até mesmo dentro de territórios norte-americanos, descobrindo meios de enfrentar seus concorrentes do Norte. E, já a partir do final da década de 1960, a participação norte-americana no total de investimentos diretos externos declinou acentuadamente.

Destaca-se ainda, que essa intensa transnacionalização do capital ocorreu em um contexto de pressão elevada nos preços dos insumos primários. Os salários reais na Europa Ocidental e nos EUA sofreram uma alta no final da década de 1960, caracterizando uma “explosão salarial” no mundo capitalista. Somava-se a esse cenário, o primeiro choque do petróleo em 1973 que fez o preço do insumo triplicar no mercado internacional. Todos esses fatores, em conjunto, resultaram na contração significativa dos lucros investidos no comércio e na produção, gerando uma crise de lucratividade na economia capitalista mundial que levou a chamada crise sinalizadora do regime de acumulação.<sup>27</sup>

Combinada com a crise de lucratividade nas esferas do comércio e produção, a crise sinalizadora dos EUA foi aprofundada devido ao enfraquecimento dos pilares militares, ideológicos e econômicos do país. As inúmeras baixas e a derrota na Guerra do Vietnã abalaram o poder militar norte-americano além de suscitar no enfraquecimento da credibilidade interna e internacional da nação, já que grande parte

---

<sup>25</sup> Ibid, p. 316.

<sup>26</sup> Ibid, p.317.

<sup>27</sup> Ibid, p 315.

da população nacional americana e da comunidade internacional foram desfavoráveis à invasão do Vietnã, considerando-a ilegítima. Paralelamente à derrota americana na Guerra do Vietnã, ocorreu, em 1973, a ruptura do Sistema de Bretton Woods, sendo introduzido o regime das taxas de câmbio flutuante. Essa mudança do regime de câmbio internacional foi acompanhada de uma desregulamentação do sistema financeiro em escala global, decorrendo ainda na instabilidade das taxas de câmbio e das taxas de juros reais, que apresentaram aumento significativo nos países desenvolvidos.

Segundo Arrighi, a crise sinalizadora do regime de acumulação norte-americano, que eclodiu no fim da década de 1960 e início da seguinte, deveu-se, basicamente, a um excesso de capital à procura de investimentos em mercadorias. A partir de 1968, com a queda da lucratividade no comércio e na produção mundiais, a maior injeção de poder aquisitivo na economia mundial, em vez de sustentar o crescimento dessas duas esferas, como fizera na década de 1950 e 1960, resultou em uma inflação mundial de custos e numa fuga maciça de capitais para os mercados monetários privados internacionais.<sup>28</sup> Isso fez com que os EUA, aos poucos, deixassem de ter o pleno controle das finanças internacionais.

“Em resumo, a interação entre a crise de lucratividade e a crise de hegemonia, combinada à estratégia norte-americana inflacionária de gerenciamento da crise, resultou num período de dez anos de aumento da desordem monetária mundial, de escalada da inflação e de deterioração constante da capacidade do dólar norte-americano de servir como meio de pagamento mundial, moeda de reserva e unidade contábil” (ARRIGHI, 2008: p. 169).

Essa desordem monetária abordada acima foi fruto de um processo de financeirização ocorrido durante a década de 1970 e aprofundado pela política monetária e fiscal expansionista dos EUA que, ao invés de atrair, acabou por repelir a massa crescente de capital acumulada através dos canais financeiros.

Entre esses fatores que aceleraram o processo de financeirização podemos citar o crescimento explosivo durante a década de 1970 do eurodólar e de outros mercados financeiros extraterritoriais. O próprio colapso do regime de câmbio fixo acabou também alimentando a financeirização do capital por aumentar os riscos e incertezas nas esferas do comércio e produção. Os agentes, para se protegerem das flutuações

---

<sup>28</sup> Ibid, p. 316.

cambiais ou até mesmo lucrarem com elas, tenderam a aumentar a massa de liquidez mobilizada na especulação financeira em mercados cambiais, passando a recorrer cada vez mais a uma maior diversificação de suas operações aprofundando o processo de financeirização mundial.<sup>29</sup>

Paralelamente, o aumento do preço dos barris de petróleo ao gerar um superávit extraordinário nos petrodólares, serviu como um estímulo adicional na especulação financeira, pois boa parte deles foi investida em euromonedas ou em mercados cambiais no exterior ampliando a massa de liquidez em mãos privadas e impulsionando a expansão do mercado financeiro global.<sup>30</sup>

Somava-se a esses fatores o fato de que a expansão da oferta mundial de dinheiro e crédito devido à combinação da política monetária norte-americana extremamente frouxa com o crescimento explosivo da liquidez em mãos privadas, não foi acompanhada de condições de demanda capazes de impedir a desvalorização do capital financeiro. As políticas monetárias frouxas dos EUA durante a década de 1970, combinada com a elevação do preço do petróleo e a liberalização dos empréstimos e investimento privados norte-americanos no exterior reforçaram as tendências de crescimento do mercado offshore.

Todos esses fatores repercutiram em uma aceleração da inflação mundial e na crescente desordem monetária. Essa expansão exacerbada de liquidez global, tanto pública quanto privada, acabou nutrindo o mercado monetário internacional com riscos, incertezas e insegurança.

Assim, segundo Arrighi a raiz do problema do capitalismo norte-americano e mundial na década de 1970 não foi apenas a queda na taxa de lucro, mas também a concorrência crescente entre capital privado favorecido pela financeirização e capital público continuamente emitido pelos EUA. Essa oferta pública fornecida pelos EUA, não beneficiou o governo norte-americano, pois a oferta privada de dólares liberou um grupo cada vez maior de países das restrições do balanço de pagamentos e, portanto minou o privilégio de emissão de moeda antes controlado pelos EUA, e muito menos

---

<sup>29</sup> ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 167.

<sup>30</sup> Ibid, p. 168.



o capital norte-americano, pois esta expansão de dólares alimentou o mercado externo com mais liquidez dificultando sua reciclagem de forma segura e lucrativa.

Por fim, essa competição mutuamente destrutiva entre capital público e privado, ocorreu em um cenário de crise profunda da hegemonia americana que acabou ocasionando um ataque especulativo do dólar em 1979 e 1980.<sup>31</sup> Esses fatores de desestabilização da hegemonia dominante levaram ao governo norte-americano a reverter sua política monetária frouxa, que perdurava até então, para uma política rígida de controle monetário e aumento das taxas de juros, colocando fim a essa competição destrutiva e dando início a prosperidade efêmera propiciada pela fase de expansão financeira do ciclo sistêmico de acumulação.

### **3.3 A *belle époque* da expansão financeira norte-americana**

Com a alta da inflação global, o acirramento da competição no mercado financeiro e a ameaça do significativo crescimento do Japão e Alemanha, os EUA decidem, em 1979, alterar a política monetária expansionista, que caracterizou a era da Guerra Fria, transformando-a em uma política econômica mais rigorosa por meio da contra-revolução monetarista do governo Reagan.

Como visto anteriormente, essa política adotada durante a década de 1980 pelo governo Reagan, foi resultado de um processo de financeirização ocorrido na década anterior que em conjunto com a política monetária e fiscal expansionista dos EUA, acabaram por repelir e não mais atrair a massa crescente de capital no mercado internacional.

De acordo com Arrighi, a implementação da política da contra-revolução monetarista foi uma virada decisiva do capitalismo norte-americano por propiciar uma renovação da hegemonia dos EUA.<sup>32</sup>

Além do rigor monetário praticado por essa política, foram adotadas diversas medidas destinadas não apenas a restabelecer a confiança no dólar, mas também a centralizar de volta nos EUA o dinheiro mundial sob controle privado. Entre essas

---

<sup>31</sup> Ibid, p. 170.

<sup>32</sup> ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 166.

medidas podemos citar a elevação das taxas de juros com o objetivo de competir agressivamente pelo capital circulante mundial, incentivos fiscais, aumento da liberdade de ação para produtores e especuladores capitalistas buscando estimular o retorno do capital circulante para a centralização dos EUA.<sup>33</sup>

Outra medida adotada por Reagan foi a expansão do endividamento do Estado nunca antes vista na história dos EUA. Durante seu governo, o déficit orçamentário praticamente quadruplicou junto também com a dívida pública. Esse aumento da dívida pública norte-americana foi basicamente associado a um acirramento da Guerra Fria com a URSS através do programa de Iniciativa de defesa Estratégica.<sup>34</sup>

Nesse sentido, pode-se perceber que a política rígida praticada na década de 1980 deixou de alimentar o sistema de liquidez e começou a competir agressivamente pelo capital mundial, sobrevalorizando o dólar no sistema internacional e permitindo assim o redirecionamento maciço do fluxo de capital na direção dos EUA.

Foi a partir dessa política que os EUA passaram a usufruir dos benefícios efêmeros proporcionados pela belle époque da expansão financeira da acumulação de capital. O atrativo dos juros elevados, combinados com uma pressão inflacionária reduzida resultou em um imenso fluxo de capital do mundo inteiro para os EUA, levando a valorização acentuada do dólar e fortalecendo o capital financeiro norte-americano.<sup>35</sup> Os EUA começaram a compor o lado da demanda da expansão financeira e não mais o lado da oferta, o governo norte-americano deixou de competir com a crescente oferta privada de liquidez, passando a criar condições de demanda para a acumulação de tal liquidez por meio dos canais financeiros.<sup>36</sup>

Foi assim que a contra-revolução monetarista da década de 1980 transformou a crise da década de 1970 na nova belle époque do capitalismo norte-americano mundial possibilitando a retomada econômica norte-americana.

---

<sup>33</sup> Ibid, p. 170.

<sup>34</sup> ARRIGHI, Giovanni. O Longo século XX. : dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996, p. 328.

<sup>35</sup> ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 119.

<sup>36</sup> Ibid, p. 170.

Mas, de acordo com a abordagem dos ciclos sistêmicos de Arrighi, toda expansão financeira possui um caráter contraditório sobre a estabilidade do poder hegemônico. No caso dos EUA, o sucesso que a contra-revolução monetarista obteve ao transformar a expansão financeira da década de 1970 no fortalecimento da riqueza e do poder norte-americanos nas décadas de 1980 e 1990, não foi uma garantia de que não voltaria a ocorrer um colapso sistêmico futuro. Segundo Arrighi, a principal contradição provocada pelo sucesso da política monetarista da década de 1980 foi o fato de que a retomada da econômica norte-americana da década de 1990, e a constante dependência da economia mundial em relação ao crescimento econômico dos EUA, foram fundamentados em um aumento do endividamento externo norte-americano sem precedentes na história do mundo.<sup>37</sup>

Arrighi considera que o equilíbrio das transações correntes no balanço de pagamentos de um país é uma medida fundamental de sua competitividade. E no caso dos EUA, a retomada da hegemonia e da lucratividade do país durante a década de 1990, se deu paralelamente a uma explosão de seu déficit.<sup>38</sup>

Além disso, as expansões financeiras tendem a desestabilizar a ordem em vigor, pois elas favorecem o surgimento de novas configurações de poder, que minam a capacidade do Estado hegemônico dominante de se aproveitar, de forma exclusiva, da intensificação da concorrência em todo o sistema.<sup>39</sup>

No caso dos EUA isso foi observado devido ao fato que as políticas de fortalecimento do dólar como moeda de reserva e de denominação das transações comerciais e financeiras acabaram por promover profundas alterações na estrutura e na dinâmica da economia mundial. As transformações envolveram a redistribuição da capacidade produtiva na economia mundial e incorreram em enormes déficits orçamentários e comerciais dos EUA, favorecendo as economias asiáticas.

Não obstante, em meados da década de 80, os EUA decidiram reverter a política econômica de valorização do dólar, e por meio do Acordo Plaza, de 1985, impuseram a acentuada valorização do iene visando reverter seu déficit estrutural na balança comercial com Japão. A economia japonesa acabou prejudicada com sua

---

<sup>37</sup> Ibid, p.172.

<sup>38</sup> Ibid, p. 176.

<sup>39</sup> Ibid, p.172.

moeda valorizada frente ao dólar, suas exportações foram afetadas e passaram a se destinar, majoritariamente, para a própria região asiática, favorecendo, por exemplo, o aumento de investimentos japoneses realizados em territórios chineses. E nesse contexto, quem acabou por ser beneficiada com a valorização do iene em relação ao dólar, foi a economia chinesa, que sofreu um incremento significativo de investimentos externos e do fluxo comercial.<sup>40</sup>

Assim, por mais que os benefícios auferidos pela belle époque da expansão financeira norte-americana tenham retomado, provisoriamente, a hegemonia do país, eles, em contrapartida, trouxeram diversos prejuízos como o elevado endividamento norte-americano e ainda a ascensão da região asiática, sobretudo a China. E, segundo Arrighi, esses fatores se transformariam, num futuro não muito distante, em fontes concretas de ameaça ao domínio dos EUA no sistema internacional.

---

<sup>40</sup> ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 120.

## 4.1 A suposta aproximação da crise terminal dos EUA e suas críticas

Terminada a análise das etapas do ciclo sistêmico da hegemonia norte-americana, o presente capítulo tem como objetivo apresentar os principais fatores que, segundo Giovanni Arrighi, corroboram a aproximação da crise terminal da liderança norte-americana. Em seguida, serão expostas as críticas que fundamentam a hipótese inicial do trabalho de que os EUA não estão em um processo de decadência de sua hegemonia no sistema internacional.

Vale destacar que o conceito de hegemonia utilizado por Arrighi segue a definição de Gramsci na qual a hegemonia é considerada um poder adicional composto por um grupo dominante que possui a capacidade de guiar a sociedade em uma direção que favoreça tanto o poder dominante quanto grupos subordinados, compondo assim uma gama de interesses mais gerais. Quando essa credibilidade do poder dominante se deteriora, a hegemonia se transforma em pura dominação, no que Ranajit Guha chamou de “domínio sem hegemonia”.<sup>41</sup>

Assim, na abordagem teórica de Arrighi, a crise de hegemonia do poder dominante é alcançada quando a potência hegemônica se torna incapaz de conduzir o sistema de Estados em uma direção que favoreça não só seu poder, como também o poder coletivo dos demais grupos. Tais crises não resultam necessariamente no fim dos detentores da hegemonia. De acordo com a definição de hegemonia descrita acima, um Estado pode permanecer dominante mesmo depois da crise terminal de sua hegemonia, situação caracterizada como dominação sem hegemonia.<sup>42</sup>

De acordo com Arrighi e a definição de hegemonia utilizada, o ciclo sistêmico de acumulação dos EUA alcançou sua fase de crise terminal e, é caracterizado atualmente por uma dominação sem hegemonia. O autor aponta diversos fatores que, em conjunto, resultaram na decadência da hegemonia norte-americana, entre eles a invasão do Iraque, o avanço extraordinário do endividamento norte-americano, a perda de competitividade do dólar e a ascensão econômica global da Ásia oriental, sobretudo da China.

---

<sup>41</sup> ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX*. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 160.

<sup>42</sup> *Ibid*, p. 161.

O presente capítulo irá abordar esses fatores e posteriormente desenvolver suas críticas apontando que, na realidade, os EUA continuam representando a posição de potência hegemônica no sistema internacional.

## **4.2 A decadência hegemônica dos Estados Unidos**

Como visto nos capítulos anteriores, as potências hegemônicas, após sofrerem a crise sinalizadora de hegemonia, desfrutam de uma belle époque de inflação de sua riqueza e poder. No entanto, essa belle époque é considerada uma fase próspera, porém efêmera do ciclo de acumulação de capital, pois, ao invés de solucionar a crise de superacumulação ela acaba aprofundando-a ao intensificar a concorrência econômica no sistema, os conflitos sociais e as rivalidades entre os Estados até um nível que supera o poder de controle dos centros dominantes.<sup>43</sup>

Nesse contexto, a belle époque da hegemonia norte-americana alcançou seu apogeu em 1991 após o colapso da URSS. Nesse novo cenário, os EUA passaram a ser reconhecidos como maior potência militar do globo. Segundo Arrighi, o rompimento da belle époque da década de 1990 ocorreu em 2001, quando o governo Bush reagiu aos ataques do 11 de setembro colocando em prática um novo projeto imperial. De forma análoga ao contexto da Guerra Fria, em que os EUA utilizaram-se da ameaça comunista para expandir seus gastos militares e seu poder no mundo capitalista, no início do século XXI, o governo Bush utilizou-se dos ataques de 11 de Setembro e ao combate ao terrorismo como uma oportunidade para colocar em prática a nova estratégia imperial dos EUA.<sup>44</sup>

A difusão desse projeto se deu por meio de conflitos travados pelos EUA, primeiro na invasão do Afeganistão e posteriormente na Guerra do Iraque. Mas, segundo Arrighi, foi esse último conflito que trouxe efeitos desastrosos para a hegemonia norte-americana. Primeiramente, a invasão do Iraque não teve apoio da sociedade internacional, e, em um espaço curto de tempo, ela já se tornou fonte de preocupação para os EUA. Já em 2003 as baixas tiveram aumentos significativos permanecendo assim durante todo conflito. O exército norte-americano não foi capaz de conter os insurgentes, houve uma intensificação da violência o que contribuiu para

---

<sup>43</sup> Ibid, p. 242.

<sup>44</sup> Ibid, p. 187.

a deterioração da credibilidade e da imagem dos EUA frente ao sistema internacional.<sup>45</sup>

Arrighi formula uma analogia entre os efeitos desastrosos ocorridos com a invasão do Iraque e a guerra do Vietnã. Em ambos os conflitos a crescente dificuldade dos EUA combater um adversário militar comparativamente insignificante comprometeu a credibilidade do poderio norte-americano. No entanto, Arrighi defende que o fracasso no Iraque, comparado a derrota no Vietnã, constituiu um golpe muito maior na credibilidade do poder militar norte-americano pelo fato de o Iraque ser muito mais despreparado, não usufruir do apoio de outra superpotência<sup>46</sup> e ainda pela questão de que as forças armadas dos EUA terem passado por um processo de reestruturação após o conflito com Vietnã.<sup>47</sup>

“Em resumo, a disparidade de forças entre os invasores norte-americanos e a resistência no Iraque foi incomparavelmente maior do que no Vietnã. Foi por isso que o governo Bush esperava que a invasão do Iraque revertisse o veredicto do Vietnã; mas é também a razão de o fracasso ter sido um golpe muito maior na credibilidade do poderio militar norte-americano do que a derrota na Indochina” (ARRIGHI, 2008: p. 194).

Arrighi argumenta que não obstante ao fracasso da invasão do Iraque, os EUA continuaram exercendo sua posição de potência militar no sistema. No entanto, assim como o fracasso dos EUA na guerra do Vietnã foi um dos fatores que contribuiu para a crise sinalizadora da hegemonia norte-americana, as dificuldades dos EUA no Iraque acabaram por precipitar sua crise terminal.<sup>48</sup> Para o autor, na prática, a invasão do Iraque reverteu a credibilidade internacional dos EUA ao denegrir sua imagem como um instrumento de inspiração e de autoridade moral no mundo, destacando que nunca houve na história tamanha aversão aos EUA e ao seu presidente como foi observado no início do século XXI.

Destaca-se que, além de deteriorar a esfera militar e ideológica dos EUA, as guerras travadas no século XXI contra o Afeganistão e o Iraque, repercutiram de forma negativa na esfera econômica do país ao aprofundar ainda mais seu endividamento, que já era significativo.

---

<sup>45</sup> Ibid, p. 192.

<sup>46</sup> Vale lembrar que durante o conflito, o Vietnã recebeu auxílio da URSS.

<sup>47</sup> Ibid, p. 194.

<sup>48</sup> Ibid, p. 194.

Nas últimas décadas, com a exceção de alguns anos, os EUA expandiram sua economia paralelamente a um crescimento tanto do déficit externo quanto do déficit público. O déficit externo, medido pelo saldo em transações correntes do balanço de pagamentos, surgiu basicamente durante a década de 1980 e vem crescendo desde então, à exceção do período 1987-1991.<sup>49</sup> Foi a partir da crise asiática, no final da década de 1990, que as transações correntes dos EUA sofreram com o déficit cada vez maior. Esse período marca o início de uma bifurcação extraordinária entre o déficit dos EUA e o superávit do resto do mundo nas transações correntes de seus respectivos balanços de pagamento.

A bifurcação em questão reflete a queda na participação dos produtos e serviços norte-americanos no fluxo comercial da economia mundial. Esse cenário é resultado da perda de competitividade dos EUA no mercado internacional a favor do aumento da participação dos produtos asiáticos que, devido a suas vantagens tecnológicas e custos reduzidos, inundaram o mercado estadunidense e mundial.<sup>50</sup>

No entanto, boa parte do superávit do resto do mundo ainda flui para territórios norte-americanos, sobretudo com o objetivo de financiar o déficit cada vez maior dos EUA. Os principais responsáveis pelo financiamento do déficit norte-americano em transações correntes são os governos da Ásia Oriental, em destaque a China e o Japão. Esse financiamento se dá basicamente por meio da compra maciça de títulos do Tesouro norte-americano e através da acumulação de reservas em dólar. Mas, recentemente, segundo Arrighi, parte significativa e crescente desse superávit tem buscado diversificar seus destinos, como um maior fluxo para regiões do Sul, ou ainda tem buscado acumular suas reservas cambiais, criando uma tendência de redução do fluxo desse superávit para os EUA.<sup>51</sup>

Para contextualizar a problemática do crescente endividamento norte-americano, Arrighi constrói uma analogia com o ciclo sistêmico anterior ao dos EUA, sob liderança da Grã-Bretanha. Segundo o autor, como no caso da Grã-Bretanha em fase comparável de declínio hegemônico, os EUA foram se endividando tanto internamente, através do crescimento do seu déficit público, quanto externamente via

---

<sup>49</sup> BEA, (Bureau of Economic Analysis) Disponível em: <http://www.bea.gov> Acesso em Março de 2011.

<sup>50</sup> ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008, p. 203.

<sup>51</sup> Ibid, p. 386.



déficit em transações correntes. No entanto, os EUA tornaram-se nação endividada muito mais cedo e de forma mais maciça que o Reino Unido. E, além disso, os EUA, ao contrário da Grã-Bretanha, que extraíam recursos financeiros e militares da Índia gratuitamente, não possuem nenhuma espécie de colônia onde possam extrair recursos necessários para travar uma série interminável de guerras e ainda manter sua supremacia político-militar e econômica sem agregar custos elevados.<sup>52</sup>

Nesse caso, os EUA tiveram de fazer uso intensivo de capital para financiar sua economia de guerra, não tendo uma opção similar a Grã-Bretanha que pôde cobrar tributos de seu império ultramarino. Assim, a solução adotada pelos EUA foi competir de modo agressivo no mercado financeiro mundial pelo capital necessário para equilibrar o crescimento explosivo de seu déficit em transações correntes. Essa estratégia obteve sucesso durante as décadas de 1980 e 1990. No entanto, o capital atraído pelos EUA acabou gerando um fluxo crescente de rendimentos para os residentes no exterior que dificultou cada vez mais o alcance do equilíbrio norte-americano em transações correntes. Já em 2006 observou-se que os EUA estavam pagando mais a credores externos do que recebendo com os investimentos no exterior. Para Arrighi, a fonte de preocupação fundamental em relação aos crescentes empréstimos feitos aos EUA é que estes têm sido realizados para financiar o consumo público e privado do país, deixando evidente que ele não consegue mais suprir tais gastos de forma saudável e competitiva.<sup>53</sup>

Arrighi argumenta que, além do endividamento crescente dos EUA prejudicar profundamente sua economia ele também deteriorou o poder de centralização dos EUA frente aos seus financiadores. Para o autor, os governos que financiavam o crescente déficit norte-americano em conta corrente passaram a ganhar uma influência significativa sobre a política do país. De início, essa influência não representou um problema para os EUA, pois a maioria dos credores da Ásia oriental era profundamente dependente dos EUA para sua segurança e prosperidade econômica. Porém, essa situação sofreu uma inversão radical com o surgimento da China como

---

<sup>52</sup> Ibid, p. 203.

<sup>53</sup> Ibid, p. 204.

um destino alternativo para as exportações e os investimentos na Ásia oriental e também como importante credor dos EUA.<sup>54</sup>

Abordados os desgastes causados pela guerra do Iraque e pelo crescente aumento do endividamento norte-americano, iremos agora analisar o terceiro fator que, segundo Arrighi, contribui para a fase de decadência da hegemonia dos EUA. Esse fator diz respeito à perda de credibilidade do dólar como moeda internacional. Segundo o autor, a deterioração do poderio da moeda norte-americana foi acelerada durante o governo Bush. Isso ocorreu, pois Bush, para financiar sua economia de guerra, utilizou-se de políticas desenfreadas de emissões de dólares na economia, usufruindo assim, dos privilégios de senhoriação existentes no dólar como moeda aceita internacionalmente. Essa prática fez com que o déficit público voltasse a se tornar uma fonte de preocupação para o equilíbrio da economia norte-americana e possibilitou uma intensa desvalorização da moeda norte-americana.<sup>55</sup>

O autor chama atenção a essa prática utilizada pelos EUA considerando-a problemática devido ao fato de que suas obrigações de títulos públicos nas mãos de estrangeiros, sobretudo de países da Ásia oriental, serem em dólar e terem alcançado recentemente, o montante que ultrapassa 13 trilhões.<sup>56</sup> Nesse sentido, uma intensa desvalorização do dólar, como se tem observado caracterizaria uma espécie de calote por parte dos EUA, pois faria desaparecer trilhões de dólares nas mãos de seus financiadores estrangeiros deteriorando ainda mais a imagem dos EUA internacionalmente.<sup>57</sup>

Mas para Arrighi, a fonte de preocupação maior é que, no contexto atual, uma deterioração do dólar similar a que ocorreu no fim da década de 1970 é muito mais ameaçadora. Nas circunstâncias de endividamento excessivo o aumento dos juros, como feito no governo Reagan, provocaria um retraimento interno mais grave na economia, sem nenhuma garantia de ser seguido por uma recuperação.<sup>58</sup>

Além disso, deve-se acrescentar que, no fim da década de 1970, não havia alternativa viável e segura em termos de moeda internacional comparável ao poder do

---

<sup>54</sup> Ibid, p. 205.

<sup>55</sup> Ibid, p. 207.

<sup>56</sup> FMI, (Fundo Monetário Internacional). Disponível em: <http://www.imf.org> Acesso em Março de 2011.

<sup>57</sup> Ibid, p. 208.

<sup>58</sup> Ibid, p. 211.

dólar norte-americano. No entanto, atualmente a situação também é diferente. Se o contínuo uso do privilégio de senhoriação resultar novamente na derrocada do dólar, os governos da Europa e Ásia oriental estarão em posição muito melhor do que antigamente para criar alternativas viáveis ao padrão-dólar. Assim, se os EUA continuarem negligentes em relação a sua própria moeda, os demais países do globo poderão ser incentivados a utilizarem um sistema de reserva composto por várias moedas, como dólar, euro, iene, até mesmo yuane.<sup>59</sup>

Segundo Arrighi, a queda do dólar na década de 2000 é a evidência de uma crise grave da hegemonia norte-americana, reflexo da redução da importância do dólar como meio de pagamento internacional e moeda de reserva, somado a perda de capacidade dos EUA de controlar a economia política global, os recursos econômicos mundiais e ainda a redução do peso do mercado norte-americano na economia global.

Paralelamente a esses três fatores expostos acima os EUA ainda enfrentam as consequências da ascensão econômica chinesa no sistema internacional. Essa ascensão se deu por volta da década de 1980, mas, segundo Arrighi, foi acelerada durante a empreitada dos EUA no Iraque, pois, à medida que eles necessitavam de créditos e mercadorias baratas, mais a China conseguia impor seu domínio no globo por meio da expansão de seu comércio. Em um espaço curto de tempo a China passou de uma posição praticamente ausente no comércio internacional para a terceira nação com mais atividade comercial no mundo, atrás somente dos EUA e da Alemanha e já à frente do Japão.<sup>60</sup>

Foi na esfera econômica que a ascensão chinesa obteve maior destaque. Entre 2001 e 2004, a China foi responsável por um terço do aumento total do volume mundial de importações, tornando-se a locomotiva do restante da Ásia oriental e desempenhando papel fundamental na recuperação econômica do Japão e sendo mercado importante para seus vizinhos exportadores, tornando-se uma das maiores nações comerciais do mundo.

Arrighi acredita que essa liderança econômica alcançada pela China pode ser vista como mais um indício da mudança do poder geopolítico em andamento na Ásia.

---

<sup>59</sup> Ibid, p. 212.

<sup>60</sup> Ibid, p. 218.

O avanço extraordinário da China na região asiática fez com que ela se tornasse a maior parceira comercial dos dois aliados estratégicos mais importantes dos EUA: Japão e Coreia do Sul. Toda essa expansão e fortalecimento do domínio chinês na Ásia ocorreram em detrimento da redução de influência do poderio econômico e até mesmo do prestígio dos EUA na região.<sup>61</sup> Destaca-se que grande parte da deterioração do prestígio dos EUA na região foi um reflexo direto do desgaste causado à sua hegemonia com a invasão do Iraque.

Acrescenta-se a essa nova dinâmica a expansão da China além de territórios da Ásia oriental. Recentemente houve aumento significativo entre as trocas comerciais com a Índia e também um grande avanço de empresas chinesas em direção aos territórios africanos. A China vem desempenhando um papel importante ao surgir como uma alternativa atraente para o comércio e os investimentos com países vizinhos e do hemisfério Sul.

Além disso, essa mudança do surgimento da China como um novo e forte jogador na arena internacional criou condições favoráveis para as comunidades do Sul, que vem se unindo por meio das esferas comerciais, investimentos e pela produção.<sup>62</sup> Dentro desse contexto, a China começou a ofuscar os EUA na promoção da liberalização multilateral do comércio por meio de sucessos obtidos na integração regional asiática. Esse processo também é observado pelo aparecimento de diversos acordos em que a China supera as entidades do Norte com ofertas mais generosas de acesso aos seus recursos naturais, empréstimos maiores com menos exigências políticas e taxas de administração reduzidas ao comparadas com as de seus concorrentes.<sup>63</sup>

Para o autor, os quatro fatores descritos anteriormente foram de alguma forma ou de outra, originados ou simplesmente aprofundados com o conflito no Iraque e a difusão do combate ao terror. Essa estratégia arbitrária e violenta adotada pelos EUA durante o governo Bush comprometeu a credibilidade do poderio militar do país, reduziu ainda mais a centralidade do EUA e da moeda na economia política global e ainda fortaleceu a tendência à promoção da China como alternativa à liderança norte-

---

<sup>61</sup> Ibid, p. 215.

<sup>62</sup> Ibid, p. 386.

<sup>63</sup> Ibid, p. 383.

americana na Ásia oriental e em outras regiões no mundo resultando na inversão da influência dos dois países no globo. Segundo Arrighi, “a ascensão da China lembra a ascensão norte-americana durante as guerras mundiais da primeira metade do século XX. Assim como os EUA surgiram como os verdadeiros vencedores da Segunda Guerra Mundial, [...], agora todos os indícios mostram a China como a verdadeira vencedora da Guerra ao Terror.”<sup>64</sup>

Nesse sentido, de acordo com a análise do autor, os pilares econômico, político-ideológico e militar que, juntos sustentavam a hegemonia norte-americana, foram desgastados precipitando a decadência do ciclo hegemônico liderado pelos EUA. É esse cenário que caracteriza a definição de hegemonia utilizada por Arrighi, ou seja, os EUA seguem como uma potência que possui um domínio, porém sem hegemonia.

#### **4.3 A conservação dos EUA como potência hegemônica no sistema internacional**

Analizados os fatores que evidenciam segundo Giovanni Arrighi o processo de decadência da hegemonia norte-americana, iremos agora, por meio de críticas a esses fatores descritos anteriormente, corroborar a hipótese de que esse processo na realidade não se fundamenta. Primeiramente serão abordadas as críticas aos fatores que dizem respeito à guerra do Iraque e a ascensão da China. Posteriormente, será feita uma breve análise a respeito da difusão tecnológica dos EUA como um fator que fortalece sua liderança no sistema. E, em seguida, iremos desenvolver as críticas em relação ao crescente endividamento norte-americano e a perda de credibilidade do dólar como moeda de troca internacional. Para embasarmos tais críticas serão utilizadas as abordagens teóricas de José Luís Fiori, Carlos Medeiros e Franklin Serrano no que diz respeito à temática em questão.

De acordo com Fiori, o regime capitalista liderado pelos EUA não enfrenta um processo de “crise terminal”. O autor defende que, na realidade, o sistema mundial está em “transe” e os Estados Unidos têm enfrentado algumas dificuldades, mas não

---

<sup>64</sup> Ibid, p. 270.

há evidências de que eles estejam vivenciando uma crise terminal da hegemonia americana, como acusa Giovanni Arrighi em sua teoria dos ciclos sistêmicos.

Para o autor, o fato dos EUA terem enfrentado sérias dificuldades durante e após o conflito no Iraque não implica, necessariamente, em um processo de crise terminal de hegemonia. A invasão liderada pelos EUA levantou questionamentos a respeito da perda de credibilidade e do poder hegemônico dos EUA, mas para Fiori, o próprio processo de hegemonia dentro do regime capitalista abrange tanto a acumulação de capital quanto a busca pela acumulação de mais poder, sendo que nessa dinâmica, a guerra é considerada a principal forma de multiplicação de riqueza. Nesse sentido, Fiori adota a relevância do acúmulo de poder para a manutenção da economia-mundo, e esse poder se dá através de guerras ou simplesmente o próprio ambiente complexo que implica em uma sensação eminente de ameaça. Isso faz com que o sistema esteja sempre preparado para o confronto, o que promove um estímulo para a mobilização interna constante de multiplicação de recursos que acaba por ativar automaticamente o desenvolvimento permanente da economia.

De acordo com o autor, a hegemonia mundial é conquistada e mantida por meio da luta ininterrupta por mais poder, dado sua necessidade contínua de expansão, ela torna-se uma hegemonia auto-destrutiva, pois é o próprio poder hegemônico que acaba se transformando em um desestabilizador de sua própria condição e do equilíbrio no sistema internacional.<sup>65</sup>

“[...] o sistema mundial é um “universo em expansão” contínua, onde todos os Estados que lutam pelo “poder global” – em particular, a potência líder ou hegemônica – estão sempre criando, ao mesmo tempo, ordem e desordem, expansão e crise, paz e guerra. Por isto, crises econômicas e guerras não são, necessariamente, um anúncio do “fim” ou do “colapso” dos Estados e das economias envolvidas. Pelo contrário, podem ser uma parte essencial e necessária da acumulação do poder e da riqueza destes Estados, e do próprio sistema mundial” (FIORI, 2008, p. 34).

Assim, divergindo do pensamento de Arrighi que afirma que o sistema capitalista sob a égide norte-americana vivencia um processo de crise terminal, Fiori argumenta que na realidade o próprio poder hegemônico é quem destrói os limites que impedem sua expansão, e paralelamente constroem formas de se reequilibrar

---

<sup>65</sup> FIORI, José Luís. *O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites*. p. 91

novamente no poder como potência hegemônica, destacando-se que esses fatores limitadores, em sua maioria, são criações do próprio hegemom.

Inserido nesse contexto teórico, Fiori argumenta que o insucesso da invasão do Iraque não significa um sintoma de decadência hegemônica dos EUA, pelo contrário mesmo após o conflito os EUA seguem como única potência mundial com a capacidade de fazer intervenções militares ao redor do mundo. A ocorrência de crises e guerras não são um sinal de colapso terminal, o que se verifica é uma intensificação da pressão competitiva dentro do sistema que provoca a corrida imperialista entre as grandes potências.<sup>66</sup> Além disso, as crises não levarão a alterações na hierarquia econômica internacional enquanto os EUA forem capazes de repassar seus custos para as demais economias no sistema e, por sua vez, o envolvimento dos EUA em guerras não será considerado uma ameaça a sua hegemonia enquanto tais conflitos não afetarem negativamente a supremacia militar norte-americana.<sup>67</sup>

Com isso, verificamos que além da acumulação de riqueza, o capitalismo é guiado também pela acumulação de poder, no qual a guerra é considerada a forma de multiplicação de riqueza. Segundo Fiori, esta “compulsão expansiva” pela acumulação e poder dentro do sistema aponta na direção do monopólio. Isto é: “todas as unidades competidoras se propõem, em última instância, a conquistar um poder global e incontestável que possa ser exercido sobre um território cada vez mais amplo e unificado, sem fronteiras.”<sup>68</sup> Nesse sentido, as unidades tendem a se expandirem até impor aos demais o seu “imperium”, há um desejo de exclusividade entre elas. Mas caso se alcance o status de império, este implicaria na eliminação de todos os concorrentes. A falta de antagonistas ocasionaria a suspensão do processo de acumulação de poder pelas economias, levando um estado de entropia ou até a possível dissolução do sistema devido à superação das hierarquias, da competição e das guerras.

Esta é a contradição do sistema, pois este para sobreviver requer a existência de pelo menos dois adversários competitivos que se movam sempre em busca do

---

<sup>66</sup> FIORI, José Luis. O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI. In: O Mito do Colapso do Poder Americano. Rio de Janeiro, Editora Record, 2008, p. 34.

<sup>67</sup> FIORI, José Luis. Hegemonia e Império. Jornal Valor Econômico. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br> Acesso em Março 2011.

<sup>68</sup> FIORI, José Luis. Formação, Expansão e Limites do Poder Global. In: O Poder Americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 27

“desejo de exclusividade” (império), no entanto sem jamais conseguir alcançá-la. Pois caso se construa uma situação de monopólio absoluto, o sistema de acumulação de poder entraria em crise. A excessiva concentração de poder político não significa aumento da ordem e estabilidade permanente do sistema, pelo contrário, as únicas forças capazes de mantê-lo ordenado são a competição e a própria guerra ou a eminência desta.

Assim, este processo de recriação de concorrentes demonstra uma contradição do sistema capitalista, no qual a potência central para sobreviver e manter o domínio e a expansão contínua necessita ela própria recriar uma economia concorrente.<sup>69</sup> Os países, inseridos em um sistema capitalista cuja natureza se fundamenta na acumulação constante de capital, necessitam da competição e da concorrência para expandirem seu poder.

Para a potência central, o crescimento econômico e militar de seus concorrentes acaba por produzir, no médio prazo, uma redistribuição territorial da riqueza e um deslocamento de seus centros de acumulação mundial. Sendo uma forma de conquistar novos territórios econômicos, com o objetivo de impor a eles sua moeda, sua dívida pública e seus sistemas de crédito e tributação, como lastro monetário de seu capital financeiro.<sup>70</sup>

Dessa forma, o sistema de acumulação requer a existência de adversários competitivos, já que as únicas forças capazes de manterem o sistema ordenado são as competições e as guerras, ou a ameaça permanente. A própria potência promove sempre que necessário o desenvolvimento econômico de seus futuros concorrentes, tal como ocorreu com a Inglaterra em relação à Alemanha, aos Estados Unidos e ao Japão, no século XIX, e voltou a acontecer com os Estados Unidos no século XX, em relação à Alemanha e ao Japão e, mais recentemente com a própria China.

Essa é a lógica que está por trás das relações entre Estados Unidos e China. Mas neste caso a China necessita dos EUA e os EUA também precisam da concorrência chinesa para poder expandir seu próprio poder econômico e militar. Assim, a extraordinária ascensão da China na economia mundial não é vista como

---

<sup>69</sup> Ibid. p, 28

<sup>70</sup> Ibid, p. 58



uma ameaça ao poder hegemônico dos EUA, pelo contrário essa ascensão é um fator fundamental que contribui para a continuidade da dinâmica de expansão e acumulação do poder norte-americano no sistema.

Os EUA consideram na relação com a China uma alternativa favorável para o fornecimento de meios para que eles mantenham sua hegemonia internacional. A China é tida como uma fonte lucrativa provedora de recursos como mão-de-obra barata, que possibilita redução nos custos de produção, além de fornecer ampla gama de manufaturas com preços reduzidos e sendo utilizada como fonte de incremento da demanda efetiva devido a sua elevada população.

Já para a China, os EUA são considerados uma fonte de fornecimento de recursos para a modernização da economia e indústria chinesa que contribui para o desenvolvimento do país. Sendo construída assim uma relação complementar entre os países que compreendeu trocas comerciais significativas e intercâmbio de conhecimentos tecnológicos cruciais para o desenvolvimento chinês.

A relação bilateral entre os países se concretizou, sobretudo, via o incremento do fluxo comercial entre ambos, além do estabelecimento de investimentos externos diretos de origem norte-americana. O intenso fluxo comercial entre os países ocasionou elevados déficits comerciais norte-americanos com a China. Os superávits comerciais da China com os EUA acabam se materializando em forma de reservas internacionais em dólares que se convertem em aplicações em títulos públicos do Tesouro americano. A China está incluída entre as principais detentoras de títulos americanos, o que estabelece uma relação de interdependência única entre os países.

É de acordo com essa lógica que os EUA colaboraram para o desenvolvimento da China contribuindo para torná-la, um adversário econômico poderoso e estabelecendo uma relação complementar e competitiva entre as nações que se mantêm até os dias de hoje.<sup>71</sup>

Dessa forma, o sucesso econômico alcançado pela China não significa um fator ameaçador para a hegemonia dos EUA. Pelo contrário, a ascensão da China na economia global se deu por meio de uma relação complementar com os EUA a qual

---

<sup>71</sup> FIORI, José Luiz. *Poder global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites*. p. 106

rendeu múltiplos benefícios já que ambas as nações foram e ainda são favorecidas por meio das trocas enriquecedoras realizadas entre elas. Além disso, desde meados dos anos 90 esta relação também se tornou competitiva, já que a China desponta como uma nação de poder econômico extraordinário além de uma forte concorrente para a indústria de todo o mundo, e destaca-se ainda a existência de um vínculo de interdependência entre as nações devido ao importante papel desempenhado pela China como principal financiadora do déficit norte-americano em transações correntes por meio da compra maciça de títulos do Tesouro e a acumulação de reservas em dólar. Assim, existe uma relação de complementaridade estratégica entre os países que é fundamental para a sustentação do poderio norte-americano no sistema.

Também inserido no contexto de críticas à possível decadência dos EUA, vale destacar que o país é pioneiro e considerado referência mundial nas questões de inovações tecnológicas. Essa posição alcançada pelos EUA foi promovida, sobretudo por meio dos incentivos públicos atrelados a demandas militares por novas tecnologias que, posteriormente acabaram transferidas para a esfera civil. Segundo Ruttan<sup>72</sup> essa dinâmica pode ser observada desde o século XIX, mas de acordo com Medeiros<sup>73</sup> e o próprio Ruttan foi após a Segunda Guerra Mundial que esse processo ganhou maior impulso como um componente fundamental para o desenvolvimento econômico e tecnológico dos EUA.

Os empreendimentos militares em questão foram impulsionados pela corrida armamentista durante a Guerra Fria, mas além de desenvolverem armamentos e equipamentos modernos buscando atingir a superioridade militar, esses empreendimentos também incluíam a montagem de instituições voltadas ao deslocamento da fronteira científica e à aceleração do progresso tecnológico. Essa dinâmica de transmissão da esfera militar para a civil tornou-se um traço marcante da ciência e tecnologia americana.

Nesse contexto, Medeiros aponta a importância do chamado “complexo-militar-industrial-acadêmico” como guia no processo de inovações tecnológicas nos EUA. Esse complexo é liderado pelos militares que trabalham em parceria com

---

<sup>72</sup> RUTTAN, Vernon. Is War necessary for economic growth?. Saint Johns University, 2006. p. 07.

<sup>73</sup> Medeiros, Carlos Aguiar. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. : O Poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 226.

instituições acadêmicas e industriais em conjunto com o governo federal no desenvolvimento de tecnologias formando uma rede descentralizada e coordenada de instituições tecnológicas sem igual no mundo.<sup>74</sup> Forma-se assim, uma rede extensa, conectando laboratórios estatais, universidades e laboratórios industriais envolvidos num trabalho multidisciplinar com o objetivo único de desenvolver inovações tecnológicas.<sup>75</sup>

Tanto Medeiros quanto Ruttan chamam atenção para o papel fundamental da esfera militar em conjunto com o governo federal no incentivo ao desenvolvimento de tecnologias. Os militares funcionam como o principal componente autônomo na configuração e na direção do processo inventivo nos EUA. Vale destacar que os empreendimentos militares são dotados de maior capacidade de serem colocados em prática pelo fato de estarem correlacionados a questões de defesa nacional, sendo assim mais propensos a angariar verbas federais infinitas para seu desenvolvimento. Além disso, alguns empreendimentos muitas vezes não são do interesse de empresas privadas devido seu elevado custo de P&D.

Destaca-se que dentro desse processo existe uma relação de *spillover* entre a esfera militar e a esfera civil que recebe após um tempo as inovações tecnológicas dos empreendimentos militares adaptadas ao uso comercial civil. Isso mostra a influência das inovações militares no conjunto das inovações básicas que moldaram a economia americana. Entre essas inovações podemos citar o avião a jato, as fibras óticas, a energia nuclear, o computador, a internet, entre outras.<sup>76</sup>

Nesse sentido, podemos perceber a importância fundamental da participação militar em conjunto com o governo no crescimento econômico e no desenvolvimento industrial dos EUA, sobretudo no setor de inovação e progresso técnico.<sup>77</sup> Assim, inserido nesse contexto, a recente expansão e o ganho da partição de produtos chineses no mercado internacional não se deram em detrimento da perda de competitividade dos EUA. Pelo contrário, os EUA continuam dotados de uma posição peculiar de liderança tanto tecnológica quanto militar, sendo o grande propulsor internacional de diversas inovações que são fundamentais para o nosso dia a dia.

---

<sup>74</sup> Ibid, p. 232.

<sup>75</sup> Ibid, p. 235.

<sup>76</sup> RUTTAN, Vernon. Is War necessary for economic growth?. Saint Johns University, 2006. p. 04.

<sup>77</sup> Ibid, p. 23.

Por fim, abordaremos a questão do endividamento norte-americano e a suposta deterioração do dólar como moeda internacional que, segundo Arrighi também são fatores que têm contribuído para o processo de declínio do poder norte-americano.

De fato o endividamento norte-americano, tanto público quanto externo, alcançou níveis extraordinários o que fez levantar o debate a respeito de tal endividamento se tornar uma fonte de ameaça à estabilidade econômica norte-americana. No entanto, tanto o endividamento do país quanto essa suposta perda de poder do dólar no sistema não são fontes de preocupação para a economia e a hegemonia dos EUA.

Os EUA, com a ruptura do regime de câmbio fixo de Bretton Woods, estabeleceram um novo padrão monetário internacional, o “dólar flexível”. Na lógica desse novo sistema, que vigora até os dias de hoje, utiliza-se o regime de câmbio flexível, no qual o dólar é o meio de pagamento utilizado para as trocas comerciais de todo o sistema internacional, ou seja, o dólar vigora como moeda internacional.

A peculiaridade desse novo padrão monetário é que ele não adota a conversibilidade em ouro como nos regimes monetários anteriores do padrão dólar-ouro e do padrão ouro, esse último sob hegemonia inglesa. No atual padrão do dólar flexível não há qualquer tipo de restrição ao endividamento dos EUA uma vez que não há paridade com qualquer outro ativo financeiro e seus déficits são denominados em sua própria moeda.

A lógica desse novo padrão monetário concedeu ao dólar e aos EUA a liberdade de variar sua paridade em relação às moedas dos outros países conforme sua conveniência, por meio da variação da taxa de juros.<sup>78</sup> Assim, a afirmação do dólar na economia mundial colocou os EUA em uma posição macroeconômica singular, por emitirem a moeda internacional e fixarem automaticamente a taxa de juros independentemente das intervenções dos outros países no mercado de câmbio, os EUA não enfrentam qualquer restrição de balanço de pagamentos, já que seus elevados

---

<sup>78</sup> SERRANO, Franklin. Relações de Poder e Política Macroeconômica Americana, de Bretton Woods ao Padrão Dólar Flexível. In: O poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 211.

déficit em transações correntes são financiados em sua própria moeda concedendo uma autonomia econômica única ao país.<sup>79</sup>

Nesse sentido, o aumento do endividamento norte-americano não implica na perda de centralidade do controle financeiro do sistema monetário internacional. Ao contrário, o padrão dólar flexível transforma o fator de endividamento um privilégio exclusivo dos EUA já que eles são os controladores da moeda internacional.

Além disso, vale destacar que pelo fato dos passivos externos norte-americanos serem denominados em dólar, qualquer desvalorização da moeda americana em relação à moeda de algum outro país, implica em perdas patrimoniais apenas para os detentores da dívida externa americana, não prejudicando em momento algum os EUA.<sup>80</sup>

Por fim, de acordo com os argumentos apresentados pode-se verificar que os EUA mesmo enfrentando dificuldades originadas em crises ou guerras continuam detentores do poder hegemônico mundial sustentado, sobretudo por sua supremacia militar e ainda pelo padrão monetário do dólar flexível que dotou os EUA de uma liberdade e de um poder econômico peculiar sem precedentes na história mundial.

---

<sup>79</sup> MEDEIROS, Carlos Aguiar. *A Economia Política da Internacionalização sob liderança dos EUA: Alemanha, Japão e China*. In: O Poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. p. 141.

<sup>80</sup> SERRANO, Franklin. Op. cit., p. 211.

## 5. Conclusão

O trabalho em questão teve como objetivo central analisar de forma crítica a abordagem teórica de Giovanni Arrighi a respeito da possível crise hegemônica vivenciada pelos Estados Unidos.

Para alcançar tal objetivo foi exposta, primeiramente, a teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação desenvolvida pelo autor e posteriormente foi apresentado o ciclo sistêmico de liderança norte-americana que, segundo o pensador em questão, entrou em sua fase de crise terminal de hegemonia.

Segundo Arrighi, diversos fatores sinalizam a crise terminal dos EUA. Entre eles foram abordados no presente trabalho o fracasso da invasão do Iraque, o crescente endividamento do país, a suposta perda de credibilidade do dólar como moeda internacional e a ascensão da China e do leste asiático como potenciais competidores econômicos dentro do sistema.

Reconhecemos que muitos desses fatores acarretaram desgastes no poder americano, mas nenhum deles implicou ou tende a implicar no fim da hegemonia dos EUA.

Como observado no decorrer do trabalho, por meio da hipótese teórica proposta, verifica-se que os EUA não vivenciam um processo de crise terminal de sua hegemonia, como argumenta Giovanni Arrighi. Ao contrário, os EUA permanecem como a potência hegemônica do sistema. Seu poder é sustentado, sobretudo por sua supremacia militar que, mesmo após o insucesso da invasão do Iraque, continua inquestionável aliado ainda ao seu poder financeiro privilegiado, resultado do novo padrão monetário do dólar flexível no qual a moeda norte-americana não possui nenhum lastro o que permite uma liberdade e flexibilidade sem limites aos EUA já que são eles os controladores da moeda internacional.

A adoção desse novo regime monetário possibilitou que os EUA seguissem endividados. Além disso, o dólar, mesmo tendo sofrido recentes desvalorizações, continua prevalecendo como o meio de pagamento internacional. E tais desvalorizações não implicam em nenhum prejuízo à economia norte-americana.

Vale lembrar também que a ascensão da China e do leste asiático não significam uma ameaça ao poder americano e muito menos à credibilidade de sua moeda. Como verificado, o dinamismo da região asiática possui um papel fundamental na expansão e competição que compõe a lógica de acumulação do sistema, colaborando diretamente para a continuidade da expansão dos domínios dos EUA. E ainda, a relação entre China e EUA é de interdependência na qual ambos os países são beneficiados.

Assim, podemos observar por meio das críticas pontuadas no último capítulo que os EUA continuam representando o poder hegemônico do sistema. Não havendo, portanto um cenário de crise terminal de hegemonia, ao contrário, os EUA seguem dotados de uma centralidade militar, financeira e tecnológica sem precedentes em toda a história do sistema capitalista.

## 6. Referências bibliográficas

ARIENTI, W.; FILOMENO, F. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. UFSC, 2006.

ARRIGHI, Giovanni. Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XX. São Paulo: Editora Boitempo, 2008.

\_\_\_\_\_. O Longo Século XX: dinheiro, poder e as origens do nosso tempo. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1996.

ARRIGHI, G; SILVER, B. Caos e governabilidade no moderno sistema mundial. Rio de Janeiro: Editora Contraponto; UFRJ, 2001.

BRAUDEL, Fernand. Civilização Material, economia e capitalismo: séculos XV-XVIII. O Tempo do Mundo. São Paulo: Editora Martins fontes, 1996.

BEA, (Bureau Economic Analysis). Disponível em: <http://www.bea.gov> Acesso em Março de 2011.

MARX, Karl. O Capital. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

FIORI, José Luís. Formação, Expansão e Limites do Poder Global. In: O Poder Americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. Globalização, hegemonia e império. In: TAVARES, M. C., FIORI, J. L. Poder e Dinheiro. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. O Poder Global dos Estados Unidos: formação, expansão e limites. In: O Poder Americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. O Sistema Interestatal Capitalista no início do século XXI. In: FIORI, J.L. O Mito do Colapso do Poder Americano. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

\_\_\_\_\_. Hegemonia e Império. Jornal Valor Econômico. Disponível em: <http://www.valoronline.com.br> Acesso em Março 2011.



FMI, (Fundo Monetário Internacional). Disponível em: <http://www.imf.org> Acesso em Março de 2011.

MEDEIROS, Carlos Aguiar. A Economia Política da Internacionalização sob liderança dos EUA: Alemanha, Japão e China. In: O Poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar. In: O Poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

OSÓRIO, Luiz Felipe. O sistema mundo no pensamento de Arrighi, Wallerstein e Fiori: um estudo comparativo. UFRJ, 2009

RUTTAN, Vernon. Is war necessary for economic growth? Saint Johns University, 2006.

SERRANO, Franklin. Relações de Poder e Política Macroeconômica Americana, de Bretton Woods ao Padrão Dólar Flexível. In: O poder americano. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. A economia americana, o padrão dólar flexível e a expansão mundial nos anos 2000. In: FIORI, J.L. O Mito do Colapso do Poder Americano. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.